



Montenegro : A Flexibilidade dos Pobres e a Rigidez dos Patrões de Luxo

Publicado em 2026-05-10 18:54:04



BOX DE FACTOS

- Luís Montenegro defendeu a continuação da reforma laboral no Parlamento, criticando aquilo a que chamou os “**sindicatos do século XX**”.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

- Entre os pontos mais polémicos surgem outsourcing, bancos de horas individuais, organização do tempo de trabalho e mecanismos ligados ao despedimento.
- Reuters e Associated Press noticiaram contestação sindical, protestos e receios de aumento da precariedade.
- Organizações internacionais como a ILO, Eurofound e OCDE têm sublinhado que modernização laboral sem qualidade do emprego, protecção social e equilíbrio entre partes pode degradar o trabalho em vez de o libertar.

A Flexibilidade dos Pobres e a Rigidez dos Patrões de Luxo

A palavra “flexibilidade” tornou-se uma dessas palavras mágicas da política portuguesa: parece moderna, soa bem nos palcos, entra com facilidade

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Luis Montenegro voltou a falar de reforma laboral com o velho fulgor dos políticos que acreditam estar a abrir uma janela para o futuro, quando muitas vezes estão apenas a destrancar a porta dos fundos do passado. Criticou os **“sindicatos do século XX”**, pediu mais profundidade ao Parlamento e apresentou a flexibilidade laboral como se fosse uma espécie de vitamina milagrosa capaz de curar a anemia económica portuguesa.

O problema é que esta conversa não é nova. Vem de longe. Já a ouvimos em versões diferentes, com gravatas diferentes, governos diferentes e consultores diferentes. Muda a embalagem, permanece o conteúdo: é preciso flexibilizar, adaptar, modernizar, simplificar, competir. Depois, quando se levanta o pano, descobrimos quase sempre a mesma peça: mais poder para quem emprega, mais incerteza para quem trabalha.

A palavra bonita que esconde a transferência do risco

A flexibilidade, em teoria, pode ser uma coisa séria. Num país moderno, pode significar horários inteligentes, conciliação entre vida profissional e vida familiar, teletrabalho regulado, formação contínua, adaptação tecnológica, mobilidade profissional e empresas mais

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Quando há crise, o trabalhador deve compreender. Quando há pressão, o trabalhador deve adaptar-se. Quando há encomendas, o trabalhador deve prolongar o dia. Quando há falhas de gestão, o trabalhador deve pagar a factura. Quando há lucros, porém, a flexibilidade desaparece como um coelho assustado num congresso patronal. Aí voltam a rigidez, a prudência, a contenção salarial e a solene doutrina do “não há margem”.

E assim se constrói um país curioso: flexível para baixo, rígido para cima. Flexível nos direitos, rígido nos privilégios. Flexível no horário, rígido no salário. Flexível no contrato, rígido na distribuição dos ganhos.

Os sindicatos do século XX e os patrões do século XIX

É verdade que parte do sindicalismo português precisa de se renovar. Há estruturas envelhecidas, discursos congelados, reflexos ideológicos herdados de outro tempo e pouca capacidade de representar os novos trabalhadores da economia digital, dos serviços fragmentados, das plataformas, do outsourcing e das cadeias invisíveis de subcontratação.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

máximo quando é para subsidiar. Querem mercado livre quando contratam, mas protecção pública quando falham. Querem trabalhadores disponíveis, baratos e silenciosos, mas raramente querem investir a sério em formação, tecnologia, organização, liderança ou salários.

Montenegro fala dos sindicatos do século XX. Muito bem. Mas quando falará dos patrões do século XIX? Dos gestores de baixa produtividade e alta arrogância? Dos administradores que tratam a inovação como decoração de PowerPoint? Dos sectores que vivem de baixos salários como quem vive de uma renda herdada? Dos patrões de luxo incrustados no conforto dos apoios públicos, dos favores institucionais e da eterna desculpa da competitividade?

A economia portuguesa não está atrasada apenas por excesso de direitos laborais. Está atrasada também por excesso de má gestão, baixa capitalização, reduzida sofisticação produtiva, dependência de sectores de baixo valor acrescentado e uma cultura empresarial que, em demasiados casos, prefere comprimir salários a elevar competências.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

aceitem mais flexibilidade hoje para terem melhores salários amanhã. Diz-se que, se for mais fácil despedir, contratar-se-á mais. Diz-se que, se o tempo de trabalho for mais moldável, a produtividade subirá. Diz-se que, se houver menos rigidez, o país ficará mais competitivo.

Mas Portugal já ouviu este sermão vezes suficientes para saber que o amanhã prometido raramente chega. O que chega, com pontualidade britânica e salário português, é a precariedade. Chegam os contratos frágeis, os recibos verdes encapotados, o outsourcing permanente, os jovens que adiam casa, filhos e futuro, os trabalhadores que mudam de empresa mas não mudam de condição, e uma classe média que se vai desfazendo como papel velho à chuva.

A Associated Press noticiou, em 2025, protestos de dezenas de milhares de pessoas contra propostas laborais que os críticos entendiam poderem enfraquecer direitos dos trabalhadores. A Reuters acompanhou igualmente a contestação à reforma, referindo matérias como despedimentos, outsourcing e bancos de horas individuais. Não estamos, portanto, perante uma birra sindical isolada. Estamos perante uma disputa de fundo sobre quem paga o custo da modernização.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

para gerir pessoas?”

Deveria começar por outra pergunta, muito mais incómoda: **“Como criamos empresas suficientemente competentes para que os trabalhadores não tenham de viver permanentemente em insegurança?”**

A Organização Internacional do Trabalho tem insistido que formas não tradicionais de emprego não têm, por si só, de ser condenadas, mas devem ser reguladas de modo a garantir trabalho digno. A fórmula essencial não é tornar todo o trabalho igual; é impedir que a diversidade contratual se transforme numa máquina de fragilização humana.

A Eurofound, nos seus estudos sobre condições de trabalho na Europa, tem sublinhado a importância da qualidade do emprego para um crescimento sustentável e inclusivo. Isto significa que produtividade não nasce apenas de horários elásticos ou despedimentos facilitados. Nasce de organização, autonomia, saúde laboral, remuneração decente, participação, formação e sentido de futuro.

A própria OCDE, quando fala de qualidade do emprego, não a reduz a uma folha de Excel com custos laborais. Considera dimensões como qualidade dos rendimentos, segurança no mercado de trabalho e ambiente laboral. Ora,

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A produtividade não se decreta contra os trabalhadores

Portugal tem um problema real de produtividade. Mas a produtividade não aumenta por decreto contra os trabalhadores. Aumenta com investimento, tecnologia, ciência, organização, boas chefias, processos inteligentes, capital humano qualificado e empresas capazes de competir pelo valor — não pela compressão permanente de salários.

Um país que quer ser moderno não pode continuar a olhar para o trabalhador como a variável mais fácil de ajustar. O trabalhador português já se ajustou demais: ajustou-se à inflação, à habitação impossível, aos salários baixos, aos transportes deficientes, à emigração dos filhos, ao endividamento, ao medo do desemprego e à promessa sempre adiada de que “agora é que vai ser”.

A flexibilidade de que Portugal precisa não é a flexibilidade do trabalhador vulnerável. É a flexibilidade da empresa inteligente. É a flexibilidade do Estado que corta burocracia inútil mas reforça fiscalização séria. É a flexibilidade da gestão que aprende, inova e paga melhor. É a flexibilidade dos sectores económicos que deixam de viver agarrados ao baixo custo como um naufrago agarrado a uma tábua.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

de um lado, a modernidade; do outro, os sindicatos do passado. Mas este enquadramento é intelectualmente pobre. A sociedade não tem de escolher entre sindicalismo fossilizado e capitalismo predatório. Pode exigir sindicatos melhores e empresas mais decentes ao mesmo tempo.

Pode exigir negociação colectiva mais inteligente, mas também impedir que o outsourcing seja usado para contornar responsabilidades. Pode aceitar horários adaptáveis, mas com compensação justa e controlo efectivo. Pode reformar a legislação laboral, mas sem transformar o despedimento numa ferramenta administrativa normalizada. Pode promover competitividade, mas recusando que a competitividade continue a ser construída sobre a ansiedade de quem trabalha.

O que não se pode aceitar é a velha chantagem elegante: ou aceitam flexibilidade, ou ficam contra o progresso. Porque há progresso que liberta e há progresso que apenas muda o nome às antigas formas de submissão.

O Estado não pode ser advogado dos fortes

Num país com salários historicamente baixos, elevada dificuldade de acesso à habitação e juventude empurrada para a emigração, qualquer reforma laboral deve ser tratada

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

mas insiste em mecanismos que aumentam a margem de manobra patronal, a sociedade tem o dever de desconfiar. A confiança não nasce de discursos. Nasce de garantias concretas, fiscalização robusta, tribunais laborais eficazes, sindicatos renovados, empresas responsabilizadas e regras claras contra abusos.

Se a flexibilidade for para permitir melhor conciliação, melhor organização e maior produtividade partilhada, então discutamos. Se for para tornar o trabalhador ainda mais dependente, mais silencioso e mais descartável, então chamemos as coisas pelo nome: precariedade com perfume caro.

Conclusão: flexibilidade sem justiça é servidão administrativa

Portugal precisa de reforma laboral. Mas precisa sobretudo de reforma moral da economia. Precisa de empresários que compreendam que pagar mal não é estratégia; é decadência. Precisa de gestores que percebam que produtividade não nasce do medo, mas da competência. Precisa de sindicatos que saibam representar o trabalhador do século XXI. E precisa de políticos que deixem de vender precariedade como se fosse modernização.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

via: trabalho digno, empresas competentes, produtividade partilhada e uma sociedade que não sacrifique os seus cidadãos no altar de uma competitividade mal explicada.

A verdadeira modernidade não é fazer o trabalhador dobrar até partir. É construir uma economia onde já não seja preciso dobrá-lo.

Nota editorial: A flexibilidade laboral só é civilizada quando nasce de equilíbrio, protecção e confiança.

Quando nasce da desigualdade de poder entre patrão e trabalhador, não é flexibilidade: é apenas a velha precariedade, agora com discurso de inovação e aroma de gabinete ministerial.

Referências e leituras internacionais

- Reuters — Portugal launches labour reform criticised by unions
- Reuters — Tens of thousands rally in Lisbon against planned labour reforms
- Associated Press — Tens of thousands in Portugal protest proposed labor reforms

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

2024

- OECD — Job Quality Database
- OECD — Economic Surveys: Portugal 2026
- Diário de Notícias — Luís Montenegro contesta “sindicatos do século XX”

Francisco Gonçalves


Fragmentos do Caos

Com a colaboração editorial de **Augustus Veritas**, companheiro digital de reflexão crítica.

 [GitHub Pages](#)

 [IPFS \(IPNS\)](#)

 [Fragmentos do Caos:](#) [Blogue](#) • [Ebooks](#) • [Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)